

TEMPO E MILÊNIO: MISSÃO E AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Suzana Ramos Coutinho
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: Este artigo visa discutir o modo como a perspectiva milenarista acaba por determinar as noções de tempo e missão das Testemunhas de Jeová. Baseada em pesquisa etnográfica e bibliográfica, este artigo tem como propósito chamar a atenção do leitor à temática da vinda do Reino de Jeová. A iminência da instauração do seu Reino é o que acaba por gerar no grupo um sentimento de urgência na pregação da palavra divina, reconfigurando a consciência e a percepção do tempo. É esta expectativa que gera no grupo uma forte necessidade de reafirmar seus valores e suas crenças, na medida em que crêem estar vivendo nos “últimos dias”.

Abstract: This article aims to discuss the way the millenarianist perspective shape the notions of time and mission of the Jeohova’s Witnesses. Based on an ethnographic method combined with the review of the literature, this text call the attention to the discussion involving the Jehova’s Kingdom. The imminent instauration of a new Kingdom is what stimulate a sense of urgency in preaching, molding the consciousness and awareness of time. It is the expectation that creates in the group the need of reassurance of their beliefs, as they believe to live in the “last days”.

1. Apresentação

Este artigo visa apresentar ao leitor o modo como a perspectiva milenarista acaba por determinar a ação missionária das Testemunhas de Jeová. Sociedade religiosa de caráter milenarista que mais agrega adeptos no mundo contemporâneo, as Testemunhas de Jeová surgiram em 1872 na Pensilvânia (EUA) sob o nome de União Internacional dos Inquiridores da Bíblia. Seu fundador foi Charles Taze Russel (1853-1916), um presbiteriano convertido ao adventismo que passou a reinterpretar os textos bíblicos. Baseado nos livros de Daniel e Apocalipse, Russel fixou o fim do mundo para o ano de 1874 e/ou quando o movimento atingisse 144 mil adeptos. Após sua morte, Russel foi substituído por Joseph Franklin Rutherford (1896-1942), que rebatizou oficialmente a religião como hoje a conhecemos, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, popularmente identificados como Testemunhas de Jeová. Russel reinterpretou a idéia dos 144 mil eleitos à Doutrina da Grande Multidão, onde estes 144 mil são escolhidos para reinar com Cristo no céu e as demais Testemunhas viverão na Terra sob o domínio de Cristo, como seus súditos.

Uma das características mais marcantes das Testemunhas de Jeová é a importância dada à divulgação, transformando suas publicações e comunicação de textos em aspectos de grande prioridade. Dirigidas por uma sociedade anônima – a *Watchtower Bible and Tract Society of New York Inc.* –, as Testemunhas de Jeová possuem como resultado marcante desta estrutura duas revistas, *A Sentinela* e *Despertai!*, publicadas quinzenalmente em 126 idiomas e com uma tiragem média de 22 milhões de exemplares por mês. Outra característica relevante na atuação deste grupo reside no fato de possuírem uma estrutura altamente centralizada e hierarquizada, “refletindo o controle centralizado de suas atividades e do pensamento de seus membros” (Faillace, 1990, p. 106).

O milenarismo das Testemunhas de Jeová parte de uma perspectiva na qual “os verdadeiros crentes viverão felizes e em harmonia numa terra transformada e governada pela justiça divina” (Ibid., p.106). A relação entre Deus e os homens se baseia nas profecias bíblicas que retratam o fim do mal e o estabelecimento do Reino de Deus na Terra. Para o grupo, a salvação se dá pela observância dos preceitos bíblicos, principalmente a lei divina revelada por Jesus – “Amar a Deus com todo o coração, toda a alma, toda a mente e todas as forças” e “Amar ao próximo com a si mesmo” (Ibid., p.107). De acordo com Faillace (1990), cada fiel também é um pregador que dedica parte do seu tempo ao proselitismo nas ruas ou de porta em porta. A pregação visa não apenas a divulgação do final dos tempos e das boas novas, mas a conquista de novos adeptos.

2. O grupo, a estrutura e os “sinais dos tempos”

Se com o fundador, Charles Russel, havia relativa autonomia por parte das

congregações, com seu sucessor Rutherford esta característica foi modificada. Com a prisão de Rutherford e mais alguns líderes em 1918 (libertados no ano seguinte), o grupo emergiu desta crise mais coeso sob a figura do próprio Rutherford. Com isso, iniciou-se toda uma reordenação do movimento, a saber, a subordinação das congregações à agência central, a asserção do trabalho proselitista como responsabilidade primária dos membros e a interferência da Sociedade na administração regional das congregações. Mas a principal mudança, porém, foi a instauração da teocracia. A estrutura organizacional do grupo não é construída com base em uma democracia, mas em uma teocracia. Isto significa dizer que muito além de uma minuciosa organização com alto planejamento no proselitismo, as Testemunhas de Jeová organizam suas ações não a partir dos valores e regras vigentes da sociedade em que vivem, mas a partir de elementos que crêem serem de orientação bíblica. Negam a submissão ao Estado (e nele vivem, em certo sentido, à parte) e buscam como fim último não apenas viver esta organização teocrática, mas anseiam também por sua instauração na Terra. Diante de tal anseio, empenham-se no trabalho proselitista.

Com a instauração da teocracia, tudo passou a ser controlado pela Sociedade e a nova orientação propôs que as Testemunhas de Jeová estabelecessem uma separação do resto da sociedade, considerando que o desenvolvimento da personalidade e a pregação da Palavra deveriam ser os principais fins nas suas vidas religiosas. Logo, se a maior parte da doutrinação do grupo implica em afastar-se do mundo (revelado através da busca e instauração da teocracia), uma vez que o “mundo” tem seu deus (Satanás), essa relação conflitante que se estabelece com o mundo faz com que o grupo seja proscrito em diversos países. Ora, se essa relação com o “mundo” é conflitiva, postula-se o “viver fora do mundo”. Os assuntos mundanos aparecem no entanto como uma preocupação constante, ainda que sempre explicados como “sinais dos tempos”, de cumprimento das profecias.

Os “sinais dos tempos” são eventos importantes ocorridos nos dias atuais e no passado recente que servem para as Testemunhas de Jeová como indicativos da volta de Cristo. Uma passagem bíblica¹ muito utilizada pelo grupo reflete, de certa forma, a expectativa quanto a esta volta: “Portanto, mantende-vos vigilantes, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor (Mateus 24:42)”. É neste “estado de vigilância” que o grupo guia suas ações rumo a uma prática que visa o proselitismo como fim último.

As Testemunhas de Jeová argumentam assumir uma postura no sentido de dar às pessoas ampla oportunidade de escolher se serviriam ou não a Jeová, por transmitirem o aviso da parte de Deus e, com isso, cumprir a missão que Jesus deu aos seus seguidores. Tendo em vista este fato, creio ser essencial abordar a questão da importância dada à volta de Cristo, na medida em que suscita reflexões a respeito da forma como o grupo estabelece possíveis relações entre as noções de tempo e salvação, e considerando que isto é também revelador da perspectiva milenarista (e conseqüentemente da prática missionária) do grupo na medida em que pulsiona e energiza suas ações proselitistas. A iminência da instauração do reino de Jeová é o que gera no grupo o sentimento de urgência e de pressa em pregar a palavra de Jeová Deus.

Este sentimento de urgência é acionado no grupo através da verificação de diferentes eventos e situações vivenciadas nos dias atuais. “Ter em mente o dia de Jeová” significa, para as Testemunhas de Jeová, que não se deve esquecer que está muito próximo o dia em que Jeová “destruirá este sistema de coisas, antes do estabelecimento de seu prometido novo mundo” (A *Sentinela*, 01/09/1997).

3. Entendendo a volta de Jeová

O que estamos aqui entendendo por crença milenarista testemunha-de-jeová é, para eles, uma crença que os distinguiu de toda a cristandade. Na citação abaixo está a definição elaborada pelo grupo com relação à vinda do reino de Deus:

Antes de deixar a terra, Jesus Cristo prometeu voltar. Estão associados com essa promessa emocionantes eventos relacionados com o reino de Deus. Deve-se notar que há uma diferença entre vinda e presença. Assim, ao passo que a vinda de uma pessoa (que tem a ver com a sua chegada ou o seu retorno) ocorre em determinado momento, a presença de tal pessoa pode prolongar-se desse ponto em diante por um período de anos. A Bíblia também usa a palavra grega ér-kho-mai (que significa ‘vir’), ao referir-se ao fato de Jesus dirigir a sua atenção para uma importante tarefa, num tempo específico durante a sua presença, a saber, o seu trabalho qual executor nomeado por Jeová na guerra do grande dia do Deus Todo-Poderoso (Raciocínios, p. 433).

Para as Testemunhas de Jeová, quando Jesus Cristo ascendeu aos céus não o fez de forma visível. Pelo contrário, subiu aos céus de forma invisível aos olhos humanos. E prometeu que iria voltar, também em forma invisível. No sentido de reforçar sua argumentação, o grupo baseia-se em diversas referências bíblicas. No livro de Mateus, por exemplo, encontram-se várias menções de um verbo grego de uso comum para “vir”, o qual é *ér-kho-mai*. Mas em outras referências ainda no livro de Mateus foi usada uma palavra diferente, o substantivo *pa-rou-sí-a*, que significa tanto “chegada” como “presença”. Logo, não trata-se apenas do momento da chegada, mas da presença desde a chegada. Desta forma, a “volta de Cristo” indica para as Testemunhas de Jeová não exatamente a sua volta, mas a sua presença prolongada. Logo, Jesus voltou (tendo dirigido sua atenção como Rei para a Terra) e agora está presente como espírito, interferindo nos assuntos espirituais aqui na Terra.

Tomando este quadro como referência, as Testemunhas de Jeová crêem, baseadas em interpretações de diversas profecias bíblicas, que até 607 AEC (Antes da Era Comum) todos os reis eram designados por Jeová. De 607 AEC até 1914, período denominado por eles de “tempo designado das nações”, Jeová ficou sem representante na Terra. E somente em 1914 Jesus Cristo assumiu nos céus o governo do Reino de Deus. Até então, satanás tinha acesso ao céu e à Terra. Ao assumir o poder celestial, Jesus expulsou satanás e seus demônios, que passou então a habitar somente na Terra. Satanás, que até então tinha livre acesso aos céus, é expulso por Jesus Cristo, que “limpa” o céu e o reduz ao domínio terrestre. Este domínio satânico é marcado e

evidenciado, segundo o grupo, através de diferentes eventos explicados com referências bíblica: “Nação se levantará contra nação e reino contra reino; e haverá grandes terremotos, e, num lugar após outro, pestilências e escassez de víveres; e haverá vistas aterrorizantes e grandes sinais do céu.” (Lucas 21:10,11). Foi também neste período, então no ano de 1914, que inicia-se a I Grande Guerra Mundial. Esta guerra serviu para o grupo como sinal claro e evidente da presença de satanás na Terra, revelando toda a sua fúria devido à sua expulsão celestial.

Tornou-se claro desta forma, para as Testemunhas de Jeová, que o reino de Deus, por Jesus Cristo, fora estabelecido nos céus em 1914. Ou seja, o grupo considera que os “últimos dias” iniciaram em 1914. Logo, os acontecimentos atuais como fome, miséria, injustiças sociais, guerras, etc., são atribuídos à ação de satanás na Terra e servem para o grupo como indicativos claros e evidentes do fim próximo. Enquanto isso, Jesus ainda está organizando o reino de Deus no céu.

De acordo com o grupo, não haverá uma volta visível, e sim, uma intervenção poderosa de Jeová no que tange aos assuntos na Terra. Virá então o Armagedom, onde os governantes políticos de toda a Terra se ajuntarão em oposição a Jeová e a seu Reino. “Tal oposição será evidenciada por uma ação global contra os servos de Jeová na terra, os representantes visíveis do Reino de Deus” (Raciocínios, p. 44). As Testemunhas de Jeová acreditam serem os representantes visíveis de Deus na Terra. O grupo crê que Jeová Deus agirá de forma a manipular a ação humana para que Sua vontade seja efetuada e sua vingança cumprida. Os justos então possuirão a terra e os ímpios morrerão. A partir deste momento a Terra estará sob domínio de Jeová, tendo Cristo como governante. Depois do Armagedom, haverá um período de mil anos para que as pessoas sejam ressuscitadas (pouco a pouco) e alcancem, então, a perfeição. Os ressuscitados não serão julgados segundo os atos errados dos tempos anteriores, mas, em vez disso, serão julgados pela sua disposição de viver à altura dos requisitos justos para a vida no domínio do reino de Deus. Este período será considerado, segundo o grupo, como um período de “maior programa educativo” de todos os tempos, realizado sob a organização do Reino de Jeová. Abrir-se-ão, então, os “rolos”. Estas serão as instruções publicadas para ajudar os humanos ressuscitados a realizar as ações que os habilitarão para a vida eterna. Os meios e os programas educativos na “nova terra”, dirigidos por Jeová e pelo seu Rei messiânico, serão, segundo o grupo, muito superiores em comparação com tudo o que o mundo de satanás já ofereceu.

O grupo acredita que um “pequeno rebanho”, reconhecidos no grupo como os “144.000 ungidos”, já foram selecionados dentre todos os povos e nações para governarem como reis com Cristo no reino celestial. Todos os 144.000 cristãos ungidos têm evidência de terem o espírito de Deus. Eles têm certeza absoluta de que foram gerados por Deus para a filiação espiritual como coerdeiros de Cristo no Reino celestial. Os ungidos reconhecem seu *status* e sabem que “foram batizados em Cristo Jesus” e na sua morte. Têm a firme convicção de que são filhos espirituais de Deus, que morrerão e serão ressuscitados para a glória celestial, assim como Jesus foi.

Ter em mente o dia de Jeová é, também, estar atento aos indícios de que o fim está próximo. Estes indícios são pontuados pelo grupo através de diferentes “provas”. O fato é que para as Testemunhas de Jeová há evidências claras de que vivemos no

tempo do fim deste “sistema de coisas”. Segundo o grupo, Jesus predisse coisas tais como grandes guerras, terremotos, doenças e crimes, indicando-os como acontecimentos presentes nos “últimos dias”. A iminência de eventos dramáticos estabelece para o grupo a necessidade de envolvimento com uma série de regras de condutas, ações e valores que os resguardem para o “grande dia”. A iminência de eventos catastróficos e a real possibilidade destes eventos acontecerem *amanhã* acaba por afetar todas as ações das Testemunhas de Jeová *hoje*. E é com base nas promessas bíblicas deste *amanhã* que o grupo promove a esperança de um porvir restaurado, de “novos céus e uma nova terra que aguardamos segundo a sua promessa, e neste há de morar a justiça” (2 Pedro 3:13). A passagem bíblica de Habacuque (“Não tardará!”) desperta no grupo um sentimento constante de vigilância e urgência que acaba por estabelecer um novo molde para as noções de tempo utilizadas pelas Testemunhas de Jeová. Leva-se em conta, no que diz respeito à vinda do reino de Deus, não mais o tempo secular, mas passa-se a adotar o tempo de Jeová, na medida em que, segundo a Bíblia, “um só dia é para Jeová como mil anos, e mil anos, como um só dia” (2 Pedro 3:8). Logo, adotar o tempo de Jeová significa agir conforme este tempo, ou seja, com urgência. Esta urgência é acionada pelo fato de não saber quando o reino de Jeová será instaurado. O grupo não considera que Jeová nunca agirá, pelo contrário, “o dia de Jeová virá como ladrão” (2 Pedro 3:10).

Logo, o grupo é estimulado a aguardar pacientemente o tempo designado por Jeová. Agir conforme o tempo de Jeová serve, para o grupo, como mantenedor deste senso de urgência, na medida em que desviar-se dele pode encaminhar ao afastamento da atenção de coisas espirituais para objetivos materiais, o que poderia torná-los espiritualmente “sonolentos”.

Essa espera ansiosa pela vinda do reino de Jeová nos faz crer que as Testemunhas de Jeová podem ser consideradas em muitos aspectos como um grupo milenarista, na medida em que organizam suas ações a partir da iminência da instauração do reino de Jeová. Creio que realizar uma reflexão teórica a respeito do milenarismo em geral pode nos ajudar a compreender o milenarismo testemunha-de-jeová.

4. Milenarismo: perspectivas teóricas

O pioneiro dos estudos relativos ao tema dos milenarismos foi James Mooney (1896), que a partir do seu trabalho “Ghost Dance” sobre os índios das pradarias norte-americanas, redefine a expressão. A partir deste estudo, o conceito que aludia à tradição que espera uma Idade de Ouro de mil anos (*millennium*), em que Deus reinará baseada na literatura apocalíptica judaica e nas revelações do apóstolo João, começou a ser usado não mais no sentido bíblico mas para referir-se a todo um corpo de crenças do mesmo tipo que designaria qualquer classe de salvacionismo (Barabas, 1987).

De acordo com a tipologia criada por Norman Cohn (Cohn, 1972 apud Barabas,

1987), baseado em uma análise dos movimentos milenaristas da Europa na Idade Média, os salvacionismos milenaristas têm como característica serem coletivos, terrenos, iminentes, totais, últimos e catastróficos. A crença milenarista é *coletiva* porque a salvação é para todos os “escolhidos”. É *terrena* porque esta nova sociedade de felicidade e bem-estar será instaurada e desfrutada pelos “eleitos” na vida terrena. É *imminente* porque os crentes passam a viver uma tensa espera da “volta”. Ainda que muitas vezes se transforme em uma espera diferida, a ideologia milenarista continua viva, “em estado latente” (Barabas, 1987, p. 13), até que surjam novos sinais e mensagens. A crença milenarista é *total* porque implica em uma nova ordem social que trará não melhorias, mas uma transformação completa das condições existenciais. É *última* porque conduz a um futuro definitivo, e é *catastrófica* porque a busca da salvação vem precedida de acontecimentos apocalípticos. As Testemunhas de Jeová, foco deste trabalho, possuem estas cinco características, abarcando-as de igual modo.

De acordo com a definição de Queiroz (Queiroz, 1976 apud Barabas, 1987), *milenarismo* é a crença em um tempo futuro, onde todos os males serão corrigidos e todas as injustiças reparadas. Barabas (1987, p. 15) argumenta que está na “natureza do milenarismo ser ao mesmo tempo religioso e sócio-político ao aproximar estreitamente as esperanças e aspirações terrenas com os meios através dos quais se espera ter acesso ao novo mundo”. O *profetismo*, por sua vez, é um tipo de movimento sócio-religioso em que o profeta tem o papel de comunicar a iminência da chegada do messias e do milênio, e o anúncio é recebido como revelação. Conforme Barabas (Ibid., p. 15), sua função não consiste em concretizar o milênio, mas em preparar os eleitos para o advento.

Há uma forte discussão no sentido de compreender as mobilizações messiânico-milenaristas e suas relações causais. Enquanto uns apontam a determinação de fatores estruturais e sócio-econômicos, outros, segundo Queiroz (1995), não negam a dimensão econômico-material mas destacam questões culturais, míticas e/ou religiosas no estudo dessas manifestações. Para Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976), por exemplo, movimentos milenaristas brasileiros são manifestações que denunciam crises que atingem segmentos sociais específicos. Já no entendimento de Vittorio Lanternari (1974), os movimentos visam a regeneração do mundo onde à medida que se desenrolam, estabelecem uma renovação consciente da cultura religiosa estabelecida e colocam premissas de uma reforma de toda a vida social, política e cultural, supondo crise e descontentamento na sua origem. Para Josildeth Gomes Consorte (1973), as mobilizações messiânico-milenaristas se constituem como ações articuladas a partir da desestruturação profunda dos modos de vida tradicionais. Para Rossi (2002), a idéia de messianismo vinculada somente ao pobre não é suficiente. Para este autor, a idéia é que o messianismo não é algo exclusivo dos dominados, mas também visível entre as classes dominantes. Se o marco teórico da maioria dos autores que trabalharam com o messianismo permite vislumbrar a conclusão de que o messias tem relação exclusiva com os dominados (e sua realização se dá no cotidiano das dificuldades), Rossi diz ser difícil encontrar um autor que afirme que a classe dominante tem utopia messiânica.

Barabas (1987, p.14) sugere que a terminologia mais conveniente e global é

aquela que permite incluir os movimentos salvacionistas dentro da categoria mais ampla de movimentos sócio-religiosos. Barabas (1987) está pautada pela casuística dos movimentos milenaristas indígenas do México, no contexto do colonialismo. A autora argumenta que estes não devem ser entendidos como reações irreflexivas de massas excitadas e irracionais, mas pelo contrário, como “expressão das esperanças coletivas que manifestam, através dos séculos, o desejo e a vontade de alcançar a liberdade” (Ibid., p. 42). Sua proposta é interessante ao articular o “social” e o “religioso”, tonando evidente que estas dimensões não podem ser consideradas separadamente. É interessante também porque reconhece nos milenarismos/profetismos/messianismos a manifestação de anseios legítimos de um setor social qualquer.

Mas estes autores estão tratando de setores sociais que se caracterizam por homogeneidades percebidas como dadas: identidade étnica, identidade como pobres, discriminados, etc. No caso do pertencimento religioso nas sociedades urbanas contemporâneas, a homogeneidade grupal, quando aceita e percebida, é conscientemente construída pela vontade e determinação. Daí que a análise do milenarismo ganha se levar em conta as constrições que os sujeitos fazem do milenarismo a que se vinculam e suas justificações (Dickie, 1999).

Por um lado, não é possível caracterizar as Testemunhas de Jeová como um grupo oriundo de uma classe social determinada. Elas não são originadas de um mesmo contexto ou sujeitas às mesmas condições sociais e econômicas contra as quais viessem a se rebelar. Não configuram, neste sentido, um segmento social específico em crise econômica e social. Por outro lado, o projeto missionário testemunha-de-jeová busca como fim último mudanças nos valores morais da sociedade como cumprimento da vontade de Jeová, o que, por um lado, os isenta de qualquer tipo de engajamento voltado a mudanças sociais mas evidencia a vivência de uma “crise de valores”. Isto dificulta caracterizá-los como um movimento sócio-religioso conforme os termos propostos por Barabas. No entanto, sua proposta permite conceber o milenarismo de uma forma menos simplista do que aquela que o considera como uma resposta direta das classes desfavorecidas ou oprimidas. A religião é construtiva da ação e não mera resposta ao mundo.

O milenarismo do grupo aqui pesquisado se estabelece não a partir de elementos de pobreza, miséria e injustiça social, conforme apresentam diversos autores que trataram o tema. O movimento milenarista das Testemunhas de Jeová não está limitado à ideologia dos grupos marginalizados, e a idéia vinculada somente ao pobre não é adequada a este estudo de caso. Não estamos tratando de um grupo que sofre uma opressão econômica e grande estado de miséria, mas sim, de um grupo que traz elementos de sofrimento e perseguição, elaborando uma auto-atribuição vitimizada muito forte. O sonho de construção de uma “antisociedade” não se funda em um protesto pela miséria, injustiça e pobreza. Estes são vistos como indicativos do fim dos tempos. A finalidade do trabalho proselitista/missionário das Testemunhas de Jeová é o de garantir as condições para a salvação no momento do Armagedom. Só assim povoarão uma sociedade justa e perfeita onde todos viverão em paz e harmonia por vontade de Jeová.

A origem etimológica do termo *utopia* significa “não-lugar” ou “lugar inexistente”. Desde Platão até os socialistas utópicos contemporâneos, a utopia estava relacionada à análise crítica das sociedades por eles vividas. Estabeleciam a construção imaginária de uma anti-sociedade, mediante a qual diagnosticavam a miséria e detalhavam a sociedade perfeita que serviria de exemplo ao futuro da humanidade. Assim esboçada, a utopia pretendia encarnar os desejos fundamentais do ser humano e encaminhar a sociedade a um bem estar terreno. Apesar de diversas críticas a estes “gêneros utópicos”, estes pensadores denunciaram mais radicalmente os abusos dos grupos dominantes e pretenderam comunicar ao ser humano a esperança de novas e melhores perspectivas de vida (Barabas, 1987).

A outra expressão histórica da utopia, assim considerada pelos estudiosos dos movimentos camponeses da Idade Média, é o milenarismo e o messianismo. Para Barabas (Ibid.) enquanto a utopia social abstrata (inspirada no sofrimento, na indigência, no despossuído) surgia do pensamento de grupos intelectuais e se desenvolvia na teoria, a utopia dos movimentos populares expressava sua crítica de ordem e sua esperança em um futuro melhor e diferente, em termos de linguagem religiosa do cristianismo. Assim, a legitimidade que encontrava a coletividade descontente nas promessas da religião, garantia participação ativa na efetuação da mudança. Desta forma, para Barabas a distância entre a utopia social abstrata e a utopia milenarista é, de certa forma, justificada. Estas duas formas de utopias coexistem na história do ocidente, muitas vezes entrecruzando-se, nutrindo-se uma da outra e muitas vezes caminhando em paralelo. Baseando-me novamente em Barabas, apresento uma síntese de relação entre as duas formas de utopia.

Das utopias da antigüidade, *A república* de Platão serviu como modelo de inspiração para épocas posteriores. Estas primeiras utopias sociais recorrem a elementos que serão retomados por outras utopias, como por exemplo, a causalidade atribuída ao desaparecimento da propriedade privada e, por conseqüência, o surgimento da justiça e felicidade humana. Essa utopia se propunha a ser uma sociedade baseada em rígida legislação, e situava-se não somente na denúncia e no repúdio da ordem estabelecida, mas na afirmação do homem de estabelecer uma sociedade onde reinaria a felicidade e a justiça. Estas e outras visões e expectativas utópicas são, na maioria dos casos, projetadas como reordenamentos do conhecido ou como retornos ao passado. Para Barabas são, na verdade, intentos de transformação de realidades onde os desejos necessitam de concretizações.

A utopia judaica centra-se na espera de um novo céu e uma nova terra, onde o êxodo faz parte da rebelião dos escravos do Egito. O Deus que guia Moisés se manifesta a favor do povo subjugado, auxiliando na busca da “terra prometida”. É desta forma que o “Deus dos hebreus” se manifesta como messiânico, estabelecendo Moisés como profeta e dando a ele a missão de manter o povo eleito sempre aberto à promessa do reino de liberdade. A utopia judaica é uma utopia concreta porque sua concepção escatológica se mostra, no processo de revelação bíblica, como oposição ao culto estabelecido que garante a ordem dada. É também concreta porque a esperança não está posta em um Deus transcendente, mas na fraternidade coletiva e na vontade dos homens de ascender ao reino da liberdade. Vontade esta que ocorre por

causa da figura do messias. Este fundamento messiânico e profético da mitologia bíblica suporta a perspectiva revolucionária do cristianismo, que é retomada pelos movimentos milenaristas e messiânicos posteriores.

Os modelos utópicos surgidos do racionalismo e industrialismo continuam configurando-se como projetos ideais distantes das expectativas e da participação ativa das bases sociais; e eis o motivo pelo qual não superam sua condição de utopias abstratas. Na utopia concreta, ao contrário, a transformação radical como realidade é uma expectativa que encontra sua possibilidade de realização na participação coletiva das bases sociais. Outra vertente da utopia concreta é a milenarista. A utopia milenarista significa “uma abertura à esperança do anunciado (profecia), do prometido que ainda não é; esperança que se encontra sempre garantida pela religião” (Barabas, 1987, p. 83).

Outra distinção entre utopia abstrata e concreta milenarista apontada por Barabas (1987, p. 83) pode ser expressa através de pares de oposições. Enquanto que a utopia abstrata se define pelo individualismo, teorização, totalitarismo e irrealização, a utopia concreta se realiza pela coletivização, estado prático, comunitarismo e realização. A oposição deste último, irrealização *versus* realização revela a problemática da viabilidade da utopia concreta milenarista. A autora refere-se à Ernst Bloch (1986), que argumenta que estes movimentos representam não meras ilusões em conteúdo, mas “projeções da esperança totalizadora que constitui o princípio de toda revolução” (Barabas, 1987, p. 85). Bloch adverte que a esperança no reino de liberdade se desvanece todas as vezes que se deseja concretizá-lo. E questiona-se: o característico da utopia milenarista não seria nunca realizá-lo? Barabas responde a este questionamento através de Desroche, que argumenta que o fracasso na realização da utopia milenarista constitui da mesma forma o seu triunfo. Neste sentido, a viabilidade da utopia milenarista não deve estar baseada nas realizações, mas na sustentação da esperança que dá aos homens novos significados e os mobiliza em favor de um mundo melhor. “O fracasso total ou parcial dos milenarismos e messianismo não nega sua factibilidade, pelo contrário, projeta sua possibilidade de ser o futuro; domínio da esperança e da imaginação criadora” (Ibid., p. 85).

Eis o que Barabas chamou de *utopias concretas*, pois a “espera-esperança” está firmada em uma fraternidade comum, contrapondo as *utopias abstratas*, que se definem pelo individualismo, totalitarismo e irrealização. O milenarismo das Testemunhas de Jeová não pode ser caracterizado como um movimento coletivo do mesmo tipo dos acima mencionados. De acordo com Flora (2001, p. 05), uma característica diferencial em relação aos movimentos brasileiros históricos é que o grupo não caracteriza, propriamente, um *movimento* no sentido de uma ação coletiva, onde houvesse a carência de condições políticas institucionais e onde o movimento pudesse ser eficaz como agente de uma mudança social ampla, organizado com a finalidade de construir o novo mundo (Dickie, 1996). Antes, como outros milenarismos contemporâneos, se caracteriza por constituir grupos de adeptos que devem, individualmente, perseguir a realização das condições necessárias (e prescritas) para atingir a salvação.

5. A volta de Jeová: manutenção da esperança

O fato é que as Testemunhas de Jeová caminham calcadas em uma perspectiva milenarista, implicando em uma consciência de tempo muito específica. Relativizar o tempo e percebê-lo como construção cultural é um esforço surpreendente, sendo interessante pensar como esta categoria contribui para um reforço do etnocentrismo inerente a cada cultura. Passo a considerar o tempo, de acordo com Dickie (1996), como uma concepção construída histórica e culturalmente, ou seja, como produto de um contexto sócio cultural e fator de grande relevância na vida das pessoas: as percepções de tempo, que os grupos sociais engendram a partir de seus contextos, condicionam a vida cotidiana, determinam rotinas, definem prioridades, etc. No caso do grupo milenarista estudado, o milênio é uma duração temporal, marcada pela vinda do reino de Jeová; um período definido e desejado pelos fiéis como início de uma nova vida.

Para as Testemunhas de Jeová, o milênio supõe um futuro relativamente próximo para sua concretização. Mais próximo ainda está o Armagedom, e por isso para o grupo o conhecimento do que acontecerá apresenta-se como algo urgente. Mais importante ainda é a descoberta do início deste novo tempo: eis o motivo da grande quantidade de profecias “arriscadas” até hoje. Na cosmologia testemunha-de-jeová as profecias são mais destacadas que a nova ordem que virá, e o Armagedom (a batalha final), ocupa um lugar mais destacado que o próprio milênio. A urgência do “tempo do fim” é caracterizada não somente pela indicação de eventos específicos identificados pelo grupo como indicativos do fim dos tempos – miséria, solidão, guerras entre as nações – mas caracteriza-se pela administração no uso do tempo. Investe-se, então, em inúmeras leituras direcionadas às verdades bíblicas, em tempo de estudos bíblicos, em reuniões. Mas investe-se principalmente no número de horas dedicadas ao trabalho proselitista. O tempo disponível (em um fim de semana ou nas férias, por exemplo), tem de ser utilizado na divulgação da mensagem. É a pressa que os estimula a realizar este trabalho neste tempo.

A crença e a realidade das Testemunhas de Jeová está permeada de profecias, concretizadas ou não. Fracassada uma profecia, argumentam: “(...) esperanças não realizadas não são exclusividade dos nossos dias. Os próprios apóstolos tiveram semelhantes expectativas indevidas... Jeová é digno de ser leal e de louvor com ou sem a recompensa final” (Proclamadores, p.78). Se a leitura do material “nativo” tem revelado um posicionamento mais cauteloso quanto à marcação de eventos e um claro reconhecimento de possíveis erros cometidos por marcarem datas da volta do reino de Deus, hoje encontramos no grupo não somente este reconhecimento, mas um movimento “discreto” capaz de arriscar algumas profecias. A indicação de que estamos nos “últimos dias” propicia esta reflexão. Baseadas em Lucas 21:31 e 32 (“Quando virdes estas coisas ocorrer, sabeí que está próximo o reino de Deus. Deveras, eu vos digo: Esta geração de modo algum passará até que todas estas coisas

ocorram”), acreditam que a geração que estava viva no começo do cumprimento do sinal de 1914 está agora bem avançada em idade. Logo, para eles, o tempo que resta deve ser muito curto e as condições mundiais fornecem toda a indicação de que este é o caso.

Esta “espera-esperança” nos remete ao comentário de Desroche (1973, apud Barabas, 1987), citado anteriormente, que argumenta que o fracasso na realização da utopia milenarista constitui da mesma forma o seu triunfo. A utopia milenarista das Testemunhas de Jeová se baseia não nas realizações das profecias estabelecidas pelo grupo, mas na esperança que oferece a eles novos significados, mobilizando-os em busca de um mundo melhor. Queiroz (1976, p. 46) também pontua esta questão, ao referir-se a um termo utilizado por Paul Alphandéry (1898). A “Espera Messiânica”, como este autor se referiu, passa a remeter aos anseios do povo, como sendo aquelas crenças que não se concretizam obrigatoriamente em movimentos messiânicos. Logo, essa espera messiânica se aplica perfeitamente ao estudo de caso aqui proposto, considerando que a iminência da volta e as expectativas, concretizadas ou não, oferecem ao grupo um universo simbólico de significados que transporta-os ao desejo de construção de um mundo melhor. A espera em si não gera no grupo desalento e desestímulo, mas sim, renovação da esperança e reforço dos valores já então desenvolvidos.

Esta mobilização que gira em torno da expectativa da volta, da iminência do milênio, se realiza através do testemunho. Testemunho este que é gerado por essas profecias, ainda que fracassadas (no limite temporal, relacionadas às datas marcadas). A iminência da volta do reino de Jeová e suas implicações é o que organiza o grupo na relação que estabelecem com o tempo urgente. Para as Testemunhas de Jeová a missão do cristão na Terra “é proclamar a mensagem do Reino de justiça do Senhor” (Raciocínios, p. 77), e como auto-definição assumem: “sociedade mundial de pessoas que dão ativamente testemunho sobre Jeová Deus e Seus propósitos com a humanidade (...)” (Ibid., p. 384). Este “testemunhar” foi comissionado por Jesus que, antes de acender aos céus, confiou aos seus apóstolos dizendo: “Sereis testemunhas de mim... até as partes mais distantes da terra” (Atos 1:8). Isto significa dizer que as profecias, experienciadas pelo grupo ou não, são expressas através da importância dada por estas pessoas à exposição da razão de sua esperança, a comissão que receberam de falar sobre o Reino para o mundo.

Neste sentido, torna-se viável estabelecer uma relação entre milenarismo e missão. A concepção de tempo das Testemunhas de Jeová se realiza pautada pelos elementos milenaristas, ou seja, a partir desta espera-esperança que diz que o agora é a evidência dos “últimos dias” e define a urgência do tempo. Esta urgência é estimulada pela iminência da volta e diante da possibilidade da volta. Esta urgência revela-se no discurso do grupo: “(...) o tempo é curto. O tempo está-se esgotando, não resta dúvida sobre isso (...)” (Proclamadores, p. 104).

Logo, no caso de religiões milenaristas como as Testemunhas de Jeová, o tempo é um limite definido e desejado: as doutrinas milenaristas prescrevem uma duração de tempo até a chegada do *milênio*, e o próprio milênio é uma duração temporal. Por outro lado, por se caracterizar como um milenarismo muito rígido (no sentido de

dirigir a ação dos fiéis, regulando e norteadando noções de tempo, valores e condutas morais) e muito disciplinador (a estrutura altamente homogênea e hierarquizada do grupo revela-se assim), acaba por selecionar os meios e as formas de realização de ações, de forma a impedir que qualquer fator saia do controle.

6. Conclusão

As Testemunhas de Jeová elaboram grande expectativa quanto à vinda do Reino de Deus, e acabam por construir percepções de tempo baseadas nas possíveis interpretações do “Tempo de Jeová”. O grupo acredita restar muito pouco tempo deste “íniquo sistema de coisas” e apesar de aguardarem com grande expectativa os fatos evidentes ocorridos na atualidade, posicionam-se de maneira a reconhecer que ainda é tempo de pregar as boas novas do Reino. “Esta obra tem de ser realizada para a satisfação dele. E ‘então virá o fim’, disse Jesus” (*A Sentinela*, 15/09/98, p. 17). Este “fim” é aguardado e identificado através do cumprimento de profecias bíblicas, que então identificadas, dá ao grupo plena certeza de que o mundo atual está no “tempo do fim” e de que a promessa de Deus de um novo mundo logo se cumprirá.

Enquanto este “fim” não chega, as Testemunhas de Jeová dedicam tempo e esforço em prestar atenção em si mesmos, dedicando-se em uma conduta ética e moral determinada conforme valores pré-estabelecidos pela Instituição. Este “estado de vigilância” envolve também o anúncio da verdade bíblica a outros.

Então, se retomarmos as discussões até aqui tratadas, podemos elaborar alguns aspectos a respeito do milenarismo das Testemunhas de Jeová. Um deles considera que o milenarismo do grupo proposto não está ligado a processos de exclusão relacionados à esfera econômica. A esperança na vinda do reino de Jeová não se dá somente no sentido de corrigir um padrão de miséria, injustiça e pobreza (indicativos deste “sistema de coisas”), mas de alcançar uma sociedade justa e perfeita onde todos viverão em paz e harmonia.

Esta “espera-esperança”, almejada e não concretizada, nos remete à discussão de Desroche (1973) já neste artigo discutida. Este autor vem argumentar que o fracasso na realização da utopia milenarista pode constituir, da mesma forma, o seu triunfo, como uma espécie de “sustentação da esperança”. A utopia milenarista das Testemunhas de Jeová se baseia não nas realizações das profecias identificadas, mas na esperança que dá a eles novos significados, mobilizando-os em busca de um mundo melhor. A iminência da volta e as expectativas, concretizadas ou não, servem como sustentação de um universo simbólico de significados que auxilia na construção de um desejo coletivo que visa o bem futuro. A espera em si não se presta a gerar no grupo desestímulo, mas sim, renovação da esperança e reforço dos valores estabelecidos. Esta “espera” (que tem embutida em si a renovação da esperança e reforço dos valores) é expressa e elaborada, em grande medida, através de ações cotidianas que contribuem, em grande parte, para a “sustentação da esperança”, na medida em que retoma elementos fundamentais da crença milenarista como parte

central de sua prática.

Referências

- ALPHANDÉRY, Paul. *Notes sur le messianisme médiéval latin*, Rapports Annuels de la section des Sciences Religieuses. École Pratique des Hautes Études: Paris, 1898.
- A SENTINELA. *Todas as religiões agradam a Deus?* São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, vl. 117, n.o 18. 15 set. 1996.
- BARABAS, Alicia M. *Utopias Índias: Movimientos Sociorreligiosos em México*. México: Editora Grijalbo, 1987.
- BLOCH, Ernst. *The principle of Hope*. Cambridge: MIT Press, 1986.
- COHAN, Norman. *En pos del milenio. Revolucionarios milenaristas y anarquistas místicos en la Edad Media*. Barral Editores: Barcelona, 1972.
- CONSORTE, Josildeth Gomes; NEGRÃO, Lisias Nogueira. *O messianismo no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP-CER, 1973
- DESROCHE, Henri. *Sociologie de l'espérance*. Cal Mann-Lévy: Paris, 1973.
- DICKIE, Maria A. D. *Afetos e Circunstâncias: Um Estudo sobre os Mucker e Seu Tempo*. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FAILLACE, Sandra T. Testemunhas de Jeová. In: LANDIM, Leilah (org.) *Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Cadernos do ISER n. 23, 1990.
- FLORA, Ângela D. Tempo e Milenarismos Contemporâneos: Ano 2000, *Consciência de Tempo e Identidade*. Santa Catarina: UFSC, 2001. (Relatório Final PIBIC/UFSC).
- LANTERNARI, Vitorio. *As Religiões dos Oprimidos: Um Estudo dos Modernos Cultos Messiânicos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- MOONEY, James. *The Ghost-Dance Religion and the Sioux Outbreak of 1890*. Smithsonian Institute Bureau of Ethnology: Washington, 1896.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- QUEIROZ, Renato da Silva. *A Caminho do Paraíso: O Surto Messiânico- Milenarista do Catulé*. São Paulo: FFLCH/USP, CER, 1995.
- ROSSI, Luiz Alexandre S. *Messianismo e Modernidade: Repensando o Messianismo a partir das Vítimas*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. *Raciocínios à base das Escrituras*. Livro. São Paulo, 1985, 445 p.
- SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. *Proclamadores do Reino de Deus*. Livro. São Paulo, 1993, 750 p.
- SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. À espera com expectativa ansiosa. p. 15-20. In: *A Sentinela*. 15 set. 1998. Watchtower Library 2001 – Edição em português. São Paulo, n.o 1, 2001. CD ROM

Notas

¹ As passagens bíblicas aqui referidas são citações da *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, Bíblia elaborada e utilizada pelas Testemunhas de Jeová.